

As Fadas

Havia uma viúva que tinha duas filhas; a mais velha era tão parecida com a Mãe no caráter e no rosto que olhar para ela era o mesmo que olhar para a mãe. Eram as duas muito antipáticas e tão orgulhosas que não se podia viver com elas. A mais nova, que era o perfeito retrato do Pai, pela doçura e delicadeza, era por isso mesmo uma das mais belas raparigas que existiam.

Como de uma maneira geral se gosta mais de quem se parece connosco, a Mãe adorava a filha mais velha e tinha um espantoso ódio à mais nova.

A esta, fazia-a comer na cozinha e trabalhar sem descanso. Entre outras coisas, obrigava a pobre criança a ir duas vezes por dia buscar água a meia légua de distância da casa onde moravam, carregando com uma enorme bilha cheia de água.



Um dia, quando ela estava na fonte, aproximou-se uma mulher pobremente vestida que lhe suplicou que lhe desse de beber.

— Pois não, boa mulher — disse a linda menina.

E, passando rapidamente por água a sua bilha, foi tirar água do canto mais bonito da fonte e ofereceu-lha, amparando sempre a bilha para que ela pudesse beber com mais facilidade. A boa mulher, tendo acabado de beber, disse-lhe:

— Tu és tão bela, tão boa e tão delicada que não posso deixar de te conceder um dom. (Era realmente uma Fada que tinha tomado a forma de uma pobre mulher de aldeia só para ver até que ponto aquela menina era bondosa.)

— Eu te concedo o dom — prosseguiu a Fada — de, por cada palavra que disseres, te brotar da boca uma Flor ou uma Pedra preciosa.

Quando a bela rapariga chegou a casa, a Mãe ralhou-lhe por se ter demorado na fonte.

— Peço perdão, minha Mãe — disse —, por ter demorado tanto.

E, ao pronunciar estas palavras, brotaram da sua boca duas Rosas, duas Pérolas e dois enormes Diamantes.

— O que vejo eu? — disse a Mãe, espantada.
— Parece-me que vejo sair da tua boca Pérolas e Diamantes; como aconteceu isto, minha filha? (Era a primeira vez que a tratava por “minha filha”).

A pobre criança contou-lhe ingenuamente o que lhe tinha acontecido, sem cessar de lançar pela boca fora uma infinidade de Diamantes.

— Na verdade — disse a Mãe —, tenho de mandar lá a minha outra filha. Olha, Fanchon, repara no que sai da boca da tua irmã quando ela fala; não gostavas de receber também o mesmo dom? Não tens mais do que ir à fonte buscar água e, quando uma mulher pobremente vestida te pedir de beber, dar-lhe água muito delicadamente.

— Havia de ser coisa linda de se ver, eu ir à fonte — respondeu, grosseiramente.

— Pois eu quero que tu lá vás, e já! — retorquiu a Mãe.

Ela lá foi, mas sempre a resmungar. Levou o mais belo Jarro de prata que havia em casa.

Mal tinha acabado de chegar à fonte quando viu surgir do bosque uma Senhora magnificamente vestida que lhe veio pedir de beber: era a mesma Fada que aparecera à irmã, mas que tomara a

figura e os vestidos de uma Princesa para ver até onde ia a falta de delicadeza desta rapariga.

— Julga que eu vim aqui — disse-lhe a selvagem orgulhosa — só para lhe dar de beber? E ia eu encher propositadamente um Jarro de prata só para matar a sede à Senhora!... Dou-lhe um conselho, beba por ele se quiser.

— Não és mesmo nada delicada — respondeu a Fada sem se zangar. — Pois bem, já que foste tão pouco amável, dou-te o dom de, por cada palavra que disseres, da tua boca saltar uma serpente ou um sapo.

Logo que a Mãe a sentiu chegar, gritou-lhe:

— Olá, minha filha!

— Olá, minha Mãe! — respondeu a selvagem, lançando pela boca fora duas víboras e dois sapos.

— Céus! — exclamou a Mãe. — O que vejo eu? A tua irmã foi a culpada disto, ela mas pagará!

E imediatamente correu para a espancar. A pobre criança fugiu e foi refugiar-se numa floresta próxima. O filho do Rei encontrou-a e, vendo como era bela, perguntou-lhe o que fazia ali sozinha e por que razão estava a chorar.

— Oh, Senhor, foi a minha Mãe que me pôs fora de casa.

O filho do Rei, vendo brotar da sua boca cinco ou seis Pérolas e outros tantos Diamantes, pediu-lhe que lhe contasse como era aquilo possível. Ela contou-lhe toda a sua aventura. O filho do Rei apaixonou-se por ela e, tomando em consideração que um tal dom tinha enorme valor, levou-a consigo para o Palácio do Rei seu pai, onde a desposou.

Quanto à irmã, tornou-se tão odiosa que a sua própria Mãe a expulsou de casa; e a infeliz, depois de ter corrido sem encontrar quem a quisesse acolher, acabou por morrer num recanto do bosque.

MORALIDADE

Os Diamantes e as Moedas de ouro têm grande poder sobre os Corações; e no entanto as palavras suaves ainda têm mais poder e são de maior valor.

A delicadeza vive da atenção e exige um pouco de complacência. Mas cedo ou tarde terá a recompensa e muitas vezes quando menos se espera.